Projeto de Lei nº /2022

Declara Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Natal o ofício de “catadora de mangabas”, identificadas como “mangabeiras”.

O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE NATAL, faz saber que o Poder Legislativo aprovou e este Poder sanciona a seguinte Lei:

Art. 1º Fica declarado Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Natal o ofício de “catadora de mangabas”, culturalmente identificadas como “mangabeiras”.

Art. 2º Para fins do disposto nesta Lei, o Poder Executivo Municipal do Natal procederá aos registros necessários nos livros próprios do órgão competente.

Art. 3° - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Natal, 22 de novembro de 2022.

Divaneide Basílio
Vereadora do PT

JUSTIFICATIVA

O patrimônio, seja material ou imaterial, é o reflexo da identidade de um povo. Representa tudo o que deve ser preservado, tombado, registrado, revitalizado, ou seja, tudo o que não deve ser esquecido. Ao contrário, procura-se sempre mantê-lo em movimento, vivo e presente.

A Unesco define como Patrimônio Cultural Imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – os quais são reconhecidos como parte integrante de seu patrimônio cultural pelas comunidades, grupos e, em alguns casos, os indivíduos.

O Patrimônio Imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pela história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo, assim, para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

Conhecida e bastante apreciada pelos Natalense, a mangaba é uma fruta de destaque na culinária local, sendo consumida mais costumeiramente na forma de suco ou de sorvetes. Com aroma específico e sabor inconfundível, a mangaba está à venda nas feiras, mercados, quitandas e bancas de frutas, espalhadas pela cidade, sendo quase impossível não ser percebida pelos munícipes.

Contudo, para além de sua facilidade de ser encontrada para consumo em Natal, existe todo um contexto por trás da sua colheita, permitindo-a chegar fresca e suculenta aos apreciadores.

A mangaba é fruta de difícil cultivo, apresentando resistência ao plantio industrial, por exigir uma interação com o habitat simbiótico. Advinda da mangabeira, a qual nasce em terrenos arenosos das dunas da cidade de Natal ou, como diziam os mais antigos, em região de “tabuleiro”, traz consigo a cultura própria de sua coleta, realizada por mulheres que se dedicam a este ofício.

Em sua dissertação de Mestrado, Henrique Fernandes[1] (2009), apresentou as seguintes informações sobre as mulheres intituladas de “mangabeiras”:

[1] FERNANDES, Henrique José Cocentino. ETNOGRAFIA VISUAL DAS MANGABEIRAS NAS MATAS DO TABULEIRO COSTEIRO (Dissertação de mestrado elaborada junto ao Departamento de Antropologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte). Natal-RN, 2009.

Chego agora no foco central do trabalho, as mulheres que moram na Vila e vão até o Pium para coletar Mangaba. É importante frisar que durante a pesquisa etnográfica, alternei visitas de campo ao grupo, nas matas de tabuleiro e na Vila, além de coletar dados em outras fontes como feiras, empresas, órgãos e pesquisadores e a leitura bibliográfica para a fundamentação teórica e metodológica desta dissertação.
(...)

Uma das questões propostas é exatamente a categorização do grupo estudado e a afirmação da coleta da mangaba nos tabuleiros costeiros como uma prática de nossa cultura imaterial, desenvolvida há muitas gerações pelas comunidades tradicionais de caiçaras que habitaram nosso litoral, após a colonização européia.
(...)
A denominação "Mangabeiras", que uso aqui para nomear o grupo coletor, remanescente dos Grupos tradicionais de Caiçaras, serve como elemento de identidade, diferenciando a especialização do tema estudado – a coleta do fruto da mangabeira – e ao mesmo tempo trazendo a memória de outros grupos e práticas de coletores como as umbuzeiras no Sertão, as castanheiras na Amazônia e as babaçueiras no Maranhão.
Essa denominação tem alguns aspectos importantes: Um aspecto é a identificação, pois me acostumei a ouvir no campo – lá vêm as mangabeirasǁ, — as mangabeiras passaram aquiǁ, expressões para referir ou identificar o grupo, sendo de uso comum na região estudada a denominação do grupo como de Mangabeiras, reforçada pelas próprias integrantes que se caracterizam como mangabeiras, como veremos.
Percebi também que outras denominações são atribuídas, como rendeira, como rezadeira etc. Portanto, associei o uso dessa denominação mangabeira em meu trabalho, não apenas para denominar a planta, mas também as mulheres coletoras de mangaba.
Para entender melhor essa categoria, denominada mangabeiras, perguntei às mulheres entrevistadas como elas eram chamadas e como elas se auto-denominavam, obtendo falas que confirmam esta proposição. Reproduzo a seguir as falas mais significativas, destacando dois momentos, primeiro, como elas percebem a identificação e denominação do grupo pelos outros:

> O povo fala as mangabeiras, a menina da mangaba também, lá vem as meninas da mangaba de Ponta Negra. (ALVES, 2009, informação verbal)

> Eu adoro porque é minha profissão, rendeira e mangabeira. Eu num esquento não, eu adoro. Mas o povo não me chama de mangabeira, só me chama de rendeira. Eu tenho várias fotos por aí, até no Fantástico eu passei. (CORREIA, E. 2009, informação verbal)

> Lá eles dizem, as mangabeiras passaram hoje, as mangabeiras tão no vale, mas aqui todo mundo chama por seu nome mesmo, é Graça, é Alba, é Lenide, Raimunda que deixou de andar. (LIMA, 2009, informação verbal)

> Lá no Pium o povo chama as mangabeiras e aqui chamam também. Às vezes eu gosto, às vezes eu nem gosto, não sou mais mangabeira, a tanto custo que eu num vou mais, porque vivo doente das pernas, se o povo me levar, um dia eu vou se Deus quiser, eu sinto tanta falta, mas eu compro mangaba de Bibia. (COSTA, 2009, informação verbal)

Agora, destaco as falas que caracterizam a identidade do grupo e a auto-estima, ou seja, o que elas construíram em suas falas que ressaltam a lida com a mangaba:

> Eu adoro o meu trabalho, sou mangabeira com todo orgulho, todo prazer. O meu trabalho eu gosto, eu adoro. Fui criada nisso, ainda estou. (ALVES, 2009, informação verbal)

> Eu tenho a maior honra porque é o meu trabalho, quando tem mangaba, é de onde eu tiro minha sobrevivência de viver é das mangabas, eu tendo mangaba eu tenho dinheiro na mão, tostão não, dinheiro, porque pra mim tanto faz eu ter 100 mil, como eu ter 10 reais, tudo é dinheiro.

> Eu dou sempre graças a Deus quando tem mangaba, porque vendo em casa, dou pra menina vender, vendo pra Alba que ela não está indo, não ganho mais porque pago uma passagem muito cara, mas dá para tirar o dinheiro quando tem mangaba. Agora a mangaba está pouca, eu vou porque a gente gosta de ir mesmo. (LIMA, 2009, informação verbal)
> (...)

Consoante se pode averiguar, a pesquisa de campo mostrou a identificação cultural das mulheres que realizam o ofício de catadoras de mangabas, as quais se autodenominam de “mangabeiras”, restando evidente as características do labor desenvolvido, em seu aspecto cultural.

Ainda se reportando ao trabalho acadêmico, importa se destacar que o autor deixou de forma clara o ofício de catadoras de mangaba, conforme se pode ver em outra parte da dissertação:

> Para trazer de forma mais clara e precisa as técnicas que envolvem a coleta, o transporte, o armazenamento e a comercialização da mangaba pelo grupo, organizei esta parte da etnografia na forma de pranchas, que isoladamente vão mostrando diversos aspectos envolvidos na lida com a mangaba, mas que forma um todo articulado, juntamente com as pranchas que já apresentei.
> (...)
> Como freqüentam a região há décadas, conhecem as trilhas e seus moradores, definindo o percurso realizado de acordo com essas casas que servem de ponto de descanso e sabem da localização exata dos tabuleiros e onde se concentram as plantas com maior potencial de produção, estabelecendo visitas setoriais, aonde vão mapeando o desenvolvimento da floração e dos frutos, além da presença de outros grupos na região.

> Partindo da memória destas mulheres e de minhas observações de campo, podemos realizar este exercício de entendimento dos procedimentos de trabalhos do grupo de coletores.
> (...)
> A coleta do fruto pelas mulheres mangabeiras envolve um grande esforço físico, coordenação motora e conhecimentos específicos. A coleta deve ser feita de forma precisa: Colher aquelas mangabas que estão no ponto certo, nem muito verdes (pois não amadurecem), nem muito maduras (pois apodrecem logo e contaminam as demais). Utilizando a denominação do grupo, elas conhecem de longe o fruto que está "de vez", pois é mais verde-amarelado (cor de abacate) que o fruto ainda jovem —roxo ou —preto quando a mangaba está madura (...)

Conforme se pode constar, existe todo um trabalho realizado por essas mulheres que, com seus labores, asseguram a colheita, transporte dos furtos e a chaga dos mesmos até o consumidor final. É este labor, o ofício desenvolvido pelas "mangabeiras", de forma singela e culturalmente identificado, que estamos buscando reconhecer e preservar, evitando que o mesmo desapareça dos registros e da memória de nossa cidade.

Precisamos garantir que as tradições e expressões culturais, existentes e consolidadas, sejam mantidas vivas, porque fazem parte da alma Natalense.

Pelas razões expostas e confiando no senso de preservação da memória Natalense, peço o apoio dos meus pares para a aprovação deste Projeto de Lei.

Natal, 22 de novembro de 2022.

Divaneide Basílio
Vereadora do PT